

CORPOREIDADE E TERCEIRA IDADE: A MARGINALIZAÇÃO DO CORPO IDOSO*

GIOVANA ZARPELLON MAZO

Professora do Departamento de Fundamentos Humanísticos e Metodológicos
em Educação Física da UDESC. E-mail: d2gzm@udesc.br

SILVIA MARIA AZEVEDO DOS SANTOS

Professora do Departamento de Enfermagem da UFSC

THEÓPHILOS RIFIÓTIS

Professor do Departamento de Antropologia da UFSC

RESUMO

O livro Corporeidade e Terceira Idade: a marginalização do corpo do idoso de Regina Simões é um desdobramento de um trabalho de dissertação de mestrado, realizado a partir de dados obtidos junto aos alunos do Programa da Universidade da Terceira Idade da Universidade Metodista de Piracicaba em Piracicaba-SP. Com a resenha tivemos a intenção de analisar o aspecto metodológico, em torno dos limites da obra para um público especializado. Apesar das limitações metodológicas encontradas no livro, entendemos que é uma obra importante para os estudos da terceira idade, resgatando a reflexão sobre o corpo idoso, pois a invisibilidade da corporeidade dos idosos é mais um dos operadores de exclusão deste segmento social.

PALAVRAS-CHAVE: corporeidade; terceira idade; metodologia

* Resenha crítica do livro: *Corporeidade e terceira idade: a marginalização do corpo idoso*, de SIMÕES, Regina. 3. ed. Piracicaba, SP: Unimep, 1998.

O livro *Corporeidade e Terceira Idade: a marginalização do corpo do idoso* de Regina Simões é um desdobramento de um trabalho de dissertação de mestrado, realizado a partir de dados obtidos junto aos alunos do Programa da Universidade da Terceira Idade da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), em Piracicaba, São Paulo. Neste trabalho a autora procurou identificar “a idéia que o próprio idoso faz de si e de seu corpo” para melhor compreender os limites e a falta de propostas na área da Educação Motora para este segmento da população.

Regina Simões escolheu um tema muito instigante que é a corporeidade e, principalmente por tratá-lo junto à terceira idade, uma vez que possibilitou o resgate da voz do idoso que normalmente é um excluído de sua própria manifestação da corporeidade. A relevância deste tema e a contribuição da autora estão corroboradas pelo fato desta obra encontrar-se em sua terceira edição. O que denota o interesse crescente sobre a temática da corporeidade/terceira idade. Na nossa resenha focalizamos apenas o aspecto metodológico do livro em questão. Em termos gerais, destacamos que é fundamental pelo reconhecimento dos idosos entrevistados como *sujeito pleno* (cultural e socialmente), que o tratamento de seus depoimentos ultrapasse a mera coleção de transcrições de entrevistas, à qual o pesquisador aplica categorias apriorísticas ou apenas ilustra seus argumentos. Acreditamos que hoje seja aceito universalmente no meio científico que as pesquisas sobre valores e crenças deva aplicar-se à caracterização das complexas arquiteturas do imaginário dos grupos sociais. É neste sentido que entendemos ser adequada a utilização dos instrumentos de análise da chamada “análise do discurso”.

No que se refere ao aspecto específico da nossa leitura, cabe destacar que a obra pode ser dividida em duas partes: a) revisão da literatura sobre envelhecimento, e b) apresentação, análise e discussão dos resultados da investigação realizada junto aos alunos da Universidade da Terceira Idade. Esta segunda “metade” corresponde ao objetivo principal definido pela autora, ou seja, a “idéia que o próprio idoso faz de si e de seu corpo”. O que para um leitor especializado desejoso de conhecer o desenvolvimento da pesquisa pode parecer limitado. Estamos cientes de que a transformação de uma dissertação de mestrado em livro sempre opera com um compromisso entre dois tipos de leitores, especializados e não-especializados, que é sempre de difícil solução. De fato, um texto científico fala para o público acadêmico, mas não consegue dialogar com um leitor mais geral. Nós não pretendemos, portanto, ter nenhuma posição purista, que tiraria o mérito desta obra para um público mais geral, apenas restringirmos a nossa discussão em torno dos limites da obra para um público especializado. Assim, a nossa intenção é exclusivamente a de comentar necessidades que sentimos na nossa leitura da obra. Tratando-se de uma pesquisa baseada em material empírico, seria oportuno

tuno dar maiores informações sobre a população alvo, bem como sobre a metodologia empregada.

Sinteticamente, a autora informa que a população desta pesquisa foi composta por 150 idosos, de 3 turmas com 50 alunos em cada, do Programa da Universidade da Terceira Idade, mas a autora só utilizou em sua análise os depoimentos de 34 pessoas (22,6%). Regina Simões apresenta como critérios de seleção da amostra os "textos que exprimissem maior riqueza de idéias, onde pudessem ser garimpadas as atitudes de forma mais consistente; textos onde aparecessem os componentes dos enunciados avaliativos, fundamentais ao desenvolvimento de análise, que são: os objetos de atitude, os termos avaliativos com significação comum e os conectores verbais". Fica-nos a pergunta o que a autora considera "textos que expressem maior riqueza de idéias"? ou o que ela considera textos "onde pudessem ser garimpadas as atitudes de forma mais consistente"? Esta subjetividade metodológica na escolha dos critérios ou de sua explicitação dá margem a várias interpretações e acena com a possibilidade de desvios ou tendenciosidade na escolha dos depoimentos, pois a autora não discute os argumentos que embasaram a sua eleição.

Destacamos que na referida obra não é desenvolvida nenhuma correlação entre as sumárias características da população alvo (sexo e escolaridade) e os resultados obtidos na pesquisa. Em outros termos, ficamos sem saber se há ou não diferenças entre valores e crenças sobre o corpo entre os entrevistados quanto ao seu grau de escolaridade ou sexo. O que implica num tratamento homogêneo dos dados frente a uma possível diversidade socioeconômica, de gênero, etc. A ausência de tais diferenciações coloca dificuldades para a própria avaliação dos resultados alcançados.

Na seqüência de seu trabalho Regina Simões transcreve "os discursos" dos 34 participantes selecionados e retira destes o que chama "Indicadores", os quais segundo a autora servirão "como uma fase de transitar entre os discursos e a elaboração das categorias". Ao compararmos os relatos dos "discursos" com os indicadores elaborados pela autora, observamos diferenças em 55,8% (participantes números 1, 3, 4, 6, 7, 9, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 22, 24, 25, 27, 28, 29 e 30) na descrição dos "indicadores". Sendo que as diferenças mais freqüentes foram a ausência de itens significativos que haviam sido detectados nas entrevistas e não valorizados enquanto "indicadores" ou a interpretação inadequada e uso de termos inapropriados para descrevê-los. Ela apresenta os "indicadores" como as próprias categorias, isto é, ela não chega às categorias, mas faz as inferências sobre os "discursos", misturando com a revisão de literatura e suas experiências profissionais e, ainda, faz a "garimpagem" em cima dos indicadores (categorias prévias), o

que pode induzir a desvios interpretativos. De fato, entendemos que a autora utiliza indevidamente como sinônimos os termos depoimentos e discursos.

No campo da “análise do discurso” são conhecidos os limites da análise de conteúdo, fruto do tratamento de dados restrito à inferência a partir de categorias apriorísticas, e, portanto, da sua capacidade analítica para identificar os discursos próprios dos idosos. Por esta razão faz-se necessária a aplicação de técnicas que possibilitem a construção de categorias criadas a partir da análise das entrevistas, que permitam ao pesquisador se colocar numa posição mais próxima daquela que se encontram seus entrevistados. Sem esta postura estaremos multiplicando os nossos próprios pontos de vista, sem permitir a visibilidade da fala daqueles cujos valores e crenças estamos procurando compreender.

De posse dos indicadores, Regina Simões criou grupos gerais, o primeiro no enfoque individual e o segundo dando ênfase ao coletivo. Nestes grupos surgiram 13 categorias, sendo 11 em relação a como os participantes se referem aos seus corpos e 2 quanto a como os outros se referem ao seu corpo. Ao identificar as categorias produziu uma tabela de registro de atitudes (p. 116) dos participantes a respeito de seus corpos. Essas categorias foram sendo criadas à medida que ela foi lendo os relatos e identificava as diferentes características. Ao analisar esta tabela Rifiótis¹ observou que se a autora tivesse feito um inventário de categorias de base utilizadas pelos idosos e depois as reagrupado semanticamente ela poderia, então, obter um quadro mais consistente com as entrevistas realizadas na pesquisa. Os “indicadores” que Simões utilizou parece que surgiram de uma visão geral das entrevistas e não do próprio texto transcrito a partir da fala dos idosos.

Simões utilizou como questão “geradora ou provocadora” as seguintes perguntas: “O que é para você corpo? O que significa seu corpo?”. Segundo Rifiótis ao utilizar como questão do instrumento de pesquisa o problema do pesquisador, isto fatalmente fará com que o entrevistado responda a representação que ele se faz da própria pergunta. Em outros termos, o que acontece quando passa diretamente ao seu entrevistado o seu problema de pesquisa é que se supõe que ele vai falar com naturalidade suficiente como se estivesse refletindo racionalmente, como se fosse o analista para poder falar sobre aquele assunto. Então, quando recebe a sua pergunta o que ele faz é deslocar-se para uma outra região, que não é a região da prática dele, da sua cotidianidade, porque você lhe trouxe um problema que é

1. RIFIÓTIS, T. Apontamentos de aula sobre Análise de Conteúdo na disciplina “Análise do Discurso: métodos e técnicas” do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFSC. Florianópolis, 1998. Manuscrito.

analítico. Você não fez uma pergunta sobre o seu cotidiano, como por exemplo: que cuidado você tem com o seu corpo? Desta forma você poderia, através da análise do relato do cuidado que ele tem com o seu corpo, inferir qual a representação que ele tem sobre o corpo. O que você lhe dá é a seguinte pergunta: diga-me qual é a sua representação sobre corpo? Então o produto que ele vai lhe dar não é a representação; na verdade, ele vai lhe devolver uma representação sobre as representações que está imaginando que seria interessante de compartilhar com você. Isto também é um problema grave, porque pressupõe muito uma relação na entrevista que não existe, do tipo “o informante sabe”. Rifiótis diz: “o informante não sabe”. Trata-se da clássica questão antropológica: o que nos é familiar, não é necessariamente conhecido. Assim, você está pedindo para o entrevistado uma sistematização sobre o assunto. O que significa obter uma racionalização sobre o assunto que será diferente da vivência e das práticas que se pretende analisar. Cabe, portanto, ao pesquisador construir a representação que seu entrevistado tem sobre o tema de sua pesquisa.

Nas suas considerações finais, que chama de “Um Ponto de Partida”, a autora destaca que a corporeidade idosa deve ser vista como um ponto de partida, não um ponto de chegada ou de comparação com padrões “normais”, retirados do mundo do adulto produtivo e rentável. Entendemos que neste capítulo de conclusão a autora poderia nos apresentar uma sistematização da sua análise sobre corporeidade/terceira idade e sua representação para o grupo de idosos estudado.

Finalmente, cabe destacar que a nossa leitura tendo sido dirigida exclusivamente aos aspectos metodológicos, não nos permitiu relatar a importância da revisão conceitual e da pesquisa propriamente dita.

De fato, entendemos que o trabalho de Regina Simões representa uma obra importante para os estudos da terceira idade, resgatando a reflexão sobre o corpo idoso. Afinal, a invisibilidade da corporeidade dos idosos é mais um dos operadores de exclusão deste segmento social.

Corporeity and third age: marginalization of the elderly body

ABSTRACT: The book Corporeity and Third Age: the marginalization of Regina Simões's elderly body is an unfolding of a work of master's degree dissertation, accomplished starting from data obtained the students of the Program of the University of the Third Age of the Metodista University of Piracicaba in Piracicaba-SP. With the review we had the intention of analyzing the methodological aspect, around the limits of the work for a specialized public. In spite of the methodological limitations found in the book, we understood that it is an important work for the studies of the third age, rescuing the reflection on the elderly body, because the invisibility of the elderly corporeity is more one of the operators of exclusion of this social segment.

KEY-WORDS: corporeity; third age; methodology

Corporeidad y tercera edad: la margilalización del cuerpo anciano

RESUMEN: El libro "Corporeidade e Terceira Idade: A marginalização do corpo do idoso" de Regina Simões es el desarrollo de un trabajo de disertación de la Maestría, realizado a partir de los datos obtenidos con los alumnos del Programa de la Universidad de la Tercera Edad de la Universidad Metodista de Piracicaba – SP. Con esta reseña, tuvimos la intención de analizar el aspecto metodológico, en torno de los límites de la obra para un público especializado. A pesar de las limitaciones metodológicas encontradas en el libro, entendemos que es una obra importante para el estudio de la tercera edad, rescatando la reflexión sobre el cuerpo anciano, pues la invisibilidad de la corporeidad de los adultos mayores, es uno más de los elementos de exclusión de este segmento social.

PALABRAS CLAVES: Corporeidad; tercera edad; metodología

BIBLIOGRAFIAS

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1970.

RODRIGUES, M. S. P.; LEOPARDI, M. T. *O Método de análise de conteúdo: uma versão para enfermeiros*. Fortaleza: Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura, 1999.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.